

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

***MARIA DO CARMO SILVA BRASILEIRO***

***A UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE  
APOIO A APRENDIZAGEM***

***Aracaju – SE  
2013***

**MARIA DO CARMO SILVA BRASILEIRO**

***A UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE  
APOIO A APRENDIZAGEM***

*Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso para obtenção da conclusão do curso Licenciatura em Pedagogia.*

Orientador: Prof.Dr<sup>a</sup>. Lidiane Brito Freitas.

**Aracaju – SE  
2013**

B823u Brasileiro, Maria do Carmo Silva  
A utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta de  
apoio a aprendizagem / Maria do Carmo Silva  
brasileiro. – Aracaju, 2013.  
34f.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup> Lidiane Brito Freitas.  
Artigo (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –  
Faculdade Fama, 2013.

1. Aprendizagem 2. História em quadrinhos - Leitura  
I - Título

CDU – 372.464

# **A UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DE APOIO A APRENDIZAGEM**

**MARIA DO CARMO SILVA BRASILEIRO**

## **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a aplicação das HQs como recurso ou ferramenta de apoio didático em sala de aula. Buscou-se ressaltar a importância desses recursos no processo de aprendizagem, bem como avaliar a contribuição pedagógica das HQs no domínio da linguagem e interpretação de tipologias textuais. Seguindo uma corrente construtivista, buscou-se refletir sobre a utilização das HQs no cotidiano infantil, visando à aquisição do hábito de leitura e uma posterior transferência desse hábito para os conteúdos escolares. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, com caráter exploratório e estruturado numa perspectiva sócio histórico. O problema de pesquisa permeou em saber até que ponto os recursos das histórias em quadrinhos podem despertar nos alunos das séries iniciais o interesse pela aprendizagem. O estudo limitou-se em teorias sobre o uso das HQs, como um gênero textual que pode contribuir no processo educativo em instâncias discursivas e interpretativas.

**Palavras-chave:** Gênero.Histórias em Quadrinhos.Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This research aimed at analyzing the application of comics as a resource or tool of didactical support in the classroom. It was intended to emphasize the importance of these resources in the learning process as well as evaluating the pedagogical contribution of comics in language learning and interpretation of textual typologies. Following a constructivist approach, one intended to reflect upon the use of comics in the daily child, aiming at the acquisition of reading habit and a subsequent transfer of this habit to school contents. The methodological procedure carried out was the bibliographical research of exploratory characteristics and structured in a socio-historical perspective. The research problem has permeated into the extent to which the resources of comics can arouse among the students in the early grades the interest in learning. The study was limited in theories about the use of comics as a genre that can contribute to the educational process in discursive and interpretive instances.

**Key words:** Genre.Comics. Learning

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo está em constantes e repentinas mudanças, e uma das palavras chave do momento é com certeza, “atualizar”. Essas modificações, em todas as áreas do conhecimento, exigem que o indivíduo esteja capacitado, pronto para articular o conhecimento ao modo de produção.

No Brasil, a educação pública também vem passando por transformações, mas não com a mesma velocidade. E essas lentas mudanças no ensino geram um acúmulo de situações complexas como a evasão, a reprovação, a defasagem de ensino e o desprendimento pela aprendizagem.

Atualizar a educação, procurando sanar essas ocorrências, e buscar o aperfeiçoamento de técnicas que viabilize uma qualidade no ensino, deve ser uma ação constante, para os profissionais da área de educação. Partindo dessa perspectiva, referenciou-se nesse artigo, o uso de recursos midiáticos, com ênfase na inserção do gênero em quadrinhos (HQs), como ferramenta de suporte ao ensino.

A educação não pode ficar restrita a métodos obsoletos, mas deve passar por atualizações constantes. E através dessa modernização, sejam inseridos novos recursos, que favoreçam a aprendizagem significativa, tornando assim, o ensino mais atrativo para as crianças.

Pela lei todos têm direito a uma educação de qualidade e a um ensino isonômico. Mas observando o a história da educação, percebe-se que desde os primórdios, essa isonomia no ensino, se restringiu a poucos e mesmo depois de ser mencionada em lei essa igualdade no ensino permaneceu apenas no papel.

Ao recapitular a história da educação, iniciando há mais de dois mil anos atrás, época dos grandes filósofos como Sócrates e Platão, observa-se que o ensino abrangia nesse período, apenas os homens da nobreza, depois houve uma dualidade escolar sendo, destinado um tipo de ensino para as famílias nobres e outro para o povo.

E para conformidade da população dessa época, muitos pregavam a filosofia de Santo Tomás de Aquino em que o homem tinha que aceitar o destino como determinante da vida terrena, ou seja, se você nascesse servo, seria assim enquanto vivesse e seus filhos também herdariam essa condição sem jamais pensar ascensão social.

Na Idade Moderna, o desenvolvimento do modo de produção capitalista, embasado no Mercantilismo refuta essa filosofia de Santo Tomás de Aquino. E dissemina uma filosofia que enfatiza o potencial de cada um, a meritocracia, pregando a isonomia entre cidadãos, independente da origem. Mas essa filosofia idealista fica apenas na lei, ou seja, não se estende a realidade.

Não se pode deixar de mencionar também, a dualidade de instrução entre meninos e meninas e que Platão, há mais de dois mil anos atrás já defendia uma instrução igual para ambos. Mas essa dualidade escolar continuou persistindo ao longo dos anos.

E até o presente momento, em meio às questões econômicas, observa-se nitidamente essa dicotomia no ensino. Pois quem tem o poder aquisitivo maior, tem direito a educação de qualidade, uma escola linda e limpa, bem equipada, com professores bem preparados, que jamais entram em greve e que até comemoram o sucesso alcançado pelos alunos.

Já as famílias pouco favorecidas economicamente, dispõem de uma educação superficial, com escolas que não encantam, nem se comprometem com o ensino integral, harmônico, independente e crítico. Uma educação meramente conteudista, que não desenvolve a construção de conhecimentos, apenas lançam ao indivíduo o ato de ler e escrever, ou seja, alfabetizam funcionalmente.

Atualmente, um dos mais graves problemas da educação brasileira é o fracasso escolar, vivenciados principalmente pelas crianças de famílias mais carentes. O ensino brasileiro não tem conseguido reter esses estudantes na escola, e quando os mantém através de projetos sociais, não despertam na criança o interesse e a satisfação pela aprendizagem. Se observarmos por outro ângulo,

constata-se que às redes sociais e a *internet* tem conseguido atraí-los e retê-los muito mais do que as salas de aulas.

Cabe ressaltar, que são adolescentes de várias classes sociais, ou seja, até as pessoas mais carentes, passam muitas vezes, à tarde numa sala de bate-papo na *internet*, deixando os estudos em segundo ou terceiro plano. A palavra estudar, ultimamente tem sido correlacionado a cobranças, a incômodos constantes. Os alunos estudam por obrigação e não por satisfação. Talvez tenha faltado um pouco de encantamento na metodologia aplicada ou na educação em geral.

Esse descaso com o ensino tem nos custado caro. É preciso reavaliar as questões educacionais, já que todos sabem que a evolução de um país depende essencialmente de um ensino de qualidade, educação essa, que propicie a formação de um cidadão responsável, independente e produtivo, fato considerado meio remoto na realidade do nosso país.

Na busca de facilitar o processo de aprendizagem, lapidando técnicas ou métodos, que venha contribuir para uma educação de qualidade. Referencia-se nesse artigo, o uso de recursos midiáticos, com ênfase para a inserção do gênero das histórias em quadrinhos (HQs), como ferramenta de suporte ao ensino.

Os objetivos desse estudo é instituir uma reflexão ao uso das histórias em quadrinhos (HQs), como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem, capaz de despertar na criança o interesse pela leitura dos conteúdos didáticos. Além de ressaltar o uso das HQs no processo educativo, também examina com atenção os modos de inseri-las no cotidiano infantil. E ao adquirir o hábito de leitura das HQs, as crianças possam transferir (estender) essa rotina de leitura aos conteúdos escolares.

As idéias discutidas nesse trabalho, teve por finalidade, estabelecer uma conexão entre as HQs e o conteúdo didático, buscando sua inserção no contexto escolar. Assim como, situá-las no processo ensino-aprendizagem sob uma perspectiva sócio-histórica.

Por entender que ensinar não é meramente transmitir uma ou outra informação ao aluno, procurou-se colocar nas mãos das crianças as ferramentas

necessárias, para que possam buscar a construção do conhecimento, tanto pessoal, quanto social, técnico e científico.

Com base nessa observação, decidiu-se utilizar como procedimentos metodológicos, à pesquisa bibliográfica, com caráter exploratório e estruturado numa perspectiva sócio-histórico. O problema de pesquisa permeou em saber até que ponto os recursos das histórias em quadrinhos, podem despertar nos alunos das séries iniciais, o interesse pela aprendizagem?

Esse estudo limitou-se em teorias sobre o uso das HQs, e buscou subsídios em livros, artigos, pesquisas na *internet*, que a referenciasse como um gênero textual que pode contribuir no processo educativo em instâncias discursivas e interpretativas.

## **2. UM BREVE HISTÓRICO DA ESCRITA**

A trajetória da humanidade foi marcada por grandes acontecimentos, essas ocorrências fragmentaram nossa história e nos levaram a um desenvolvimento significativo. Ao estudar a disciplina de História, segundo Vicentino e Dorigo (2005, p. 17 e 27) aprende-se que os historiadores dividiram a História da Humanidade em dois grandes períodos: a Pré-história e a História.

O período conhecido como Pré-história, foi à época em que o homem deixou seus registros desenhados em pedras ou em paredes das cavernas. E a do período referente à História, tem início com o aparecimento da escrita e permanece até os dias atuais.

Lançando olhares para o período pré-histórico, percebe-se nitidamente, que as primeiras formas de escrita foram às gravuras e pinturas como afirma Berutti (2002, p. 27-28): “Os seres humanos do Paleolítico pintaram e gravaram sobre as paredes das cavernas figuras de animais e símbolos”.

Essa forma de comunicação, que nossos ancestrais tinham em gravar o que se via nas paredes das cavernas, permanece até hoje. Para isso, basta observar que as crianças nos primeiros anos de vida, ao tentarem se comunicar rabiscam as paredes de suas casas. Claro que existem particularidades entre a intenção dos

desenhos que os homens fizeram nas paredes das cavernas, e os rabiscos produzidos pelas crianças. Mas ambos podem ser vistos como uma tentativa de comunicação.

Esses registros através de desenho podem ainda, remeter a ideia de havia uma comunicação entre eles, mas talvez faltasse o domínio de leitura visual por parte de quem observava e aí, precisou melhorar a desenvoltura, fazendo surgir formas escritas para resolver esses problemas de comunicação e inteligência.

Diringer (1968, p.29) menciona que a partir da escrita embrionária, houve uma transição para a pictografia ou escrita-desenho, mas esses métodos de comunicação não podem ser considerados como pertencentes à história da escrita. Apesar de não fazer parte da história da escrita, devem-se levar em conta que a escrita embrionária e a pictografia, são precursores dos meios onde surgiram muitas escritas, como também nos fornece entendimento sobre as fases da história da humanidade e suas formas primitivas de comunicação.

Como se observa, a escrita foi um grande marco para a História da Humanidade, é tanto que alguns historiadores destacavam que as sociedades denominadas pré-históricas seriam primitivas, enquanto as sociedades com escrita seriam civilizadas. Diringer (1968 p-18) afirma que: “A escrita, como entendemos, é uma actividade consciente ligada intrínseca e inseparavelmente ao desenvolvimento muito mais recente do intelecto consciente do homem”.

Diante dessa citação, percebe-se a magnitude do surgimento da escrita, porém cabe ressaltar, que em cada fase de desenvolvimento do homem, devem-se levar em consideração as condições para a obtenção de tal feito. Que os registros nas paredes das cavernas também foram um marco para sua época e com um alto grau evolutivo de quem os fez.

Salientamos que a aquisição da escrita Pictográfica, até os dias atuais não é dominada por toda a população. E para se chegar à escrita atual, houve um percurso sequenciado pela escrita embrionária, a escrita pictográfica, escrita ideográfica, escritas analíticas transicionais, escritas fonéticas e a escrita alfabética DIRINGER (1968, p-23/26).

A escrita ideográfica segundo DIRINGER (1968, P- 24) “parece uma espécie já bastante desenvolvida da escrita figurativa”. Passando para o período da escrita

analítica, observa-se relatos de que a escrita cuneiforme composta de símbolos fonéticos em forma de cunha, desenvolvida pelos sumérios VICENTINO e DORIGO (2005, p-37), e segundo DIRINGER (1968, p-37), desde a sua decifração no século XIX é considerado o sistema mais antigo de escrita até hoje conhecida.

A escrita hieroglífica desenvolvida pelos Egípcios, também foi muito importante nesse período. As mais antigas inscrições hieroglíficas ainda existentes datam do começo do terceiro milênio a.C. DIRINGER (1968, p-49). Mas essa forma escrita foi decodificada em 1799, quando o francês Jean-François Champollion, encontrou a famosa Pedra de Roseta.

Já nos períodos da escrita fonéticas e o alfabeto de acordo com DIRINGER (1968, p-110) o cuneiforme persa deu origem a uma escrita silábica – na verdade quase alfabética. Ainda segundo DIRINGER (1968, p-111) o cuneiforme persa escrevia-se da esquerda para a direita. A sua qualidade quase alfabética revela provavelmente a influência do alfabeto aramaico.

Por fim, as especulações sobre a origem do alfabeto, DIRINGER (1968, p-119) menciona que das áreas do Próximo Oriente, as regiões da Palestina e da Síria apresentam-se como fontes mais prováveis para a invenção do alfabeto. Apesar de muito se falar e de indícios fortes recair sobre essas regiões, não há nada comprovado como determinante.

Cabe ressaltar que esse aperfeiçoamento nas formas escritas, provavelmente, deva-se a fatores como a luta pela sobrevivência dos povos, a questões religiosas e econômicas e hegemonias de nações.

Bem como, observando a figura 1, nota-se que a pictografia remete a subjetividade de cada civilização, alguns desenhos são de fácil compreensão, ou seja, houve comunicação. Mas outros desenhos necessitam do surgimento da escrita para que se consiga entender a mensagem.

Figura 1: Primeiras formas iniciais da Escrita Pictográfica

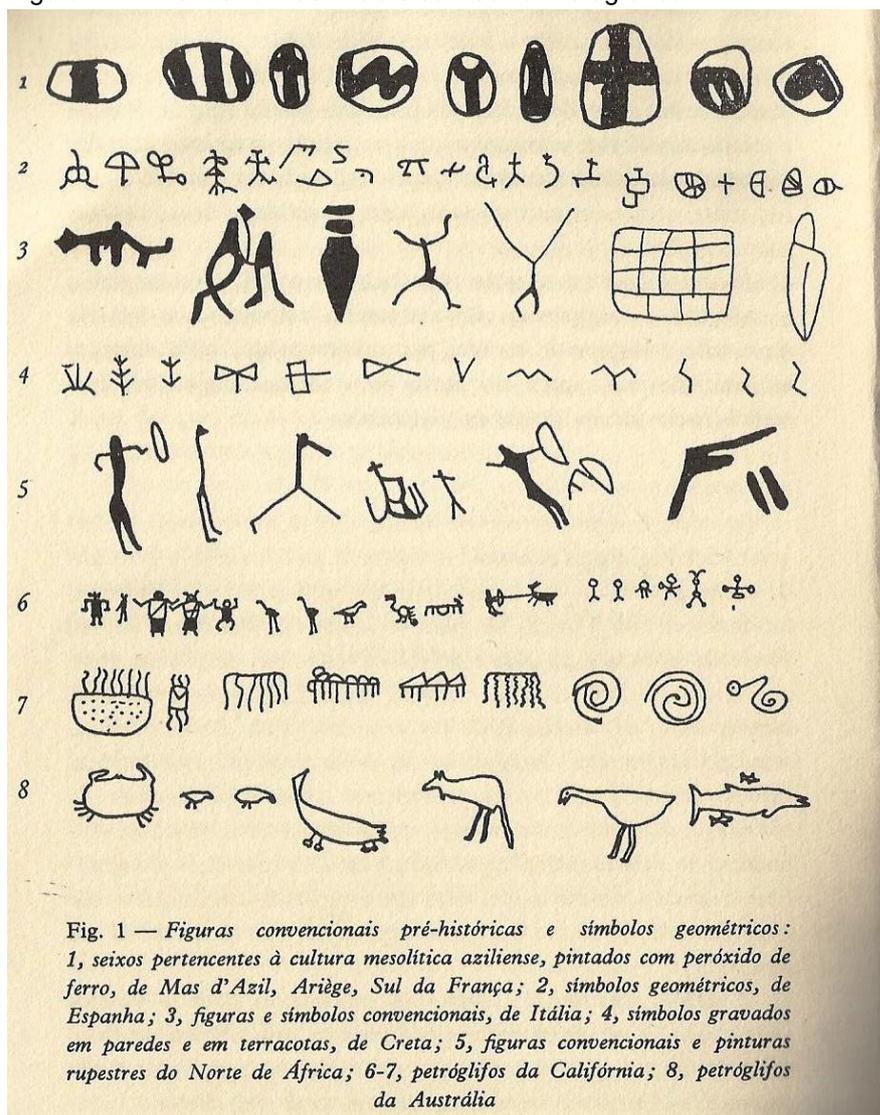


Fig. 1 — Figuras convencionais pré-históricas e símbolos geométricos: 1, seixos pertencentes à cultura mesolítica aziliense, pintados com peróxido de ferro, de Mas d'Azil, Ariège, Sul da França; 2, símbolos geométricos, de Espanha; 3, figuras e símbolos convencionais, de Itália; 4, símbolos gravados em paredes e em terracotas, de Creta; 5, figuras convencionais e pinturas rupestres do Norte de África; 6-7, petróglifos da Califórnia; 8, petróglifos da Austrália

Fonte: David Diringer (1968, p. 28).

### 3 O SURGIMENTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs)

Ao analisar a História da Humanidade e a História das HQs percebe-se que foi na Pré-história que nasceu um dos elementos principais que constituem as HQs, que é a escrita pictográfica também conhecida como escrita figurativa. De acordo com Diringer (1968, p.23), “é o primeiro passo importante para além da escrita-embrião, deixando de estar limitada à reprodução de imagens simples e

desconexas, sendo capaz de representar a sequência de planos ou de idéias de uma simples narrativa”.

Partindo desse pensamento, e observando os desenhos nos murais feitos nas paredes das cavernas, subentende-se que houve uma representação de ideias. Reportando-se as HQs, e fazendo uma analogia entre os murais das cavernas percebe-se em algumas páginas, que os quadrinistas também apresentam as ideias, fazendo o uso apenas de desenhos.

Já no período referente à História Vicentino e Dorigo (2005, p.27), surge outro elemento importante que compõe a HQ, a escrita. Talvez, quando os povos da pré-história não conseguiam mais, se comunicar através dos desenhos, aí surge à escrita para que a mensagem seja entendida. Ambos os elementos foram sendo aperfeiçoados com o passar dos tempos, e conseqüentemente as HQs também. O processo histórico da escrita se entrelaça com o processo histórico das HQs, subsidiando a melhoria em suas estruturas comunicativas.

Nessa perspectiva, pode-se observar a procedência das HQs, a partir das pinturas nas paredes das cavernas. Depois, seguindo o percurso dos desenhos das grandes civilizações, na antiguidade, onde há uma sequenciação para mostrar os níveis de águas do rio Nilo, no Egito. Bem como a ascensão do cristianismo, em Roma, e o centro da vida cotidiana em Atenas, na Grécia.

Na Idade Média, de acordo com VICENTINO e DORIGO (2005, p.90) os desenhos medievais retratados em mosaico, afrescos e vitrôs, parecem correlaciona-se com as HQs. Apesar de em alguns casos não constarem à linguagem escrita, essas ilustrações momentâneas retratavam uma sequência cronológica nos acontecimentos, como também buscavam transmitir as mensagens vividas na época.

Ainda segundo VICENTINO e DORIGO (2005, P-138) na Idade Moderna onde a Europa é vista como centro do mundo, os grandes acontecimentos são ilustrados como fatos marcantes em gravuras e xilogravuras (gravuras em madeira). Nessas ilustrações, os desenhistas da época retratam a vista de grandes cidades como Gênova, a guerra dos Cem Anos, o ápice das reformas religiosas, o descobrimento de novos continentes, posterior colonização e outros acontecimentos.

Embora não seja visualizado todos os recursos das HQs, essas ilustrações perpassam pela linguagem quadrinizada. Pois são de fácil intelecção e disponibilizam informações concisas do que está sendo retratado. Observando esses pontos, remete-se a ideia de que existe correlação entre ambas.

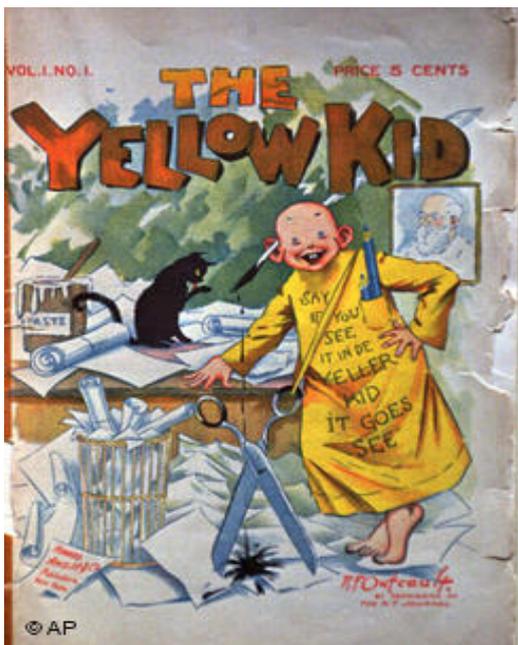
Conforme VICENTINO e DORIGO (2005, p-244), a construção do mundo Contemporâneo, enfatiza acontecimentos como: a Revolução francesa, a Independência de Nações, a Revolução Industrial, o Liberalismo e Socialismo e demais fatos importantes desse período da história também são ilustrados em gravuras.

Como se observa, a linguagem das HQs vem perpassando, de alguma forma pelos períodos históricos, sendo ilustrações de idéias feitas em pinturas rupestres, mosaico, afrescos, vitrões, gravuras e xilogravuras (gravuras em madeira). E o fato marcante, é que apesar de ser culturas diferentes, eles convergiam na escrita pictográfica para representação de suas idéias.

Apesar de todas as correlações feitas entre as HQs e os registros históricos, somente em 1789 houve uma aproximação maior com as HQs. Nesse período foi produzida a Charge francesa que retratava a sociedade de privilégios, carregada pelo povo, submetido e acorrentado, VICENTINO e DORIGO (2005, P-249).

Entretanto, em quase todo o mundo, relata-se que o personagem “Yellow Kid”, criado por Richard Felton Outcault em 1896, é considerado oficialmente o primeiro personagem de história em quadrinhos. O Garoto Amarelo segundo Hamasaki, (1969: 588-9, apud CHIPPINI, 2002), um menino pobre, dos *slums* (velas) de Nova York, aparecendo numa publicação dominical do jornal *New York Sunday World*, nos Estados Unidos.

Figura 2, Revista em quadrinhos Yellow Kid, considerada a primeira HQ



Fonte: <http://giornalettoatibaia.blogspot.com.br/2011/02/primeira-revista-em-quadrinhos-do-mundo.html> Acesso 02/09/2013

As características marcantes desse trabalho eram os textos escritos na roupa do personagem, esses textos geralmente faziam uma crítica política. E o uso dos balões pela primeira vez, para dá voz própria ao personagem. Esses elementos foram fundamentais, pois conectaram o personagem desenhado as sequências textuais.

Mesmo utilizando os recursos dos balões pela primeira vez, há controvérsia quanto a esse reconhecimento da obra de Outcault, ser considerada a primeira história em quadrinhos. Pois segundo pesquisas na *internet*, observa-se que o desenhista Rodolphe Topffer publicou em 1827, na Suíça a “História de Mr. Vieux – Bois”; e 1865 na Alemanha, Wilhelm Busch, ilustrou a obra “Max e Moritz”.

No Brasil, também existiu registros de trabalhos nessa área com datas anteriores a 1896. Todas pertencente ao desenhista italiano Angelo Agostini, que residia em nosso país. Agostini desenhou em 1867 a obra “As Cobranças”. Mas segundo Lovetro (1993, apud CHIPPINI, 2002), o quadrinista conhecido como JAL, registra o aparecimento da primeira história em quadrinhos no Brasil em 1869, “As aventuras de Nhô Quim em viagem de Minas Gerais à Corte, no Rio de Janeiro (p. 69-70), também de Agostini. Posteriormente em 1883, Agostini lança a obra “Zé

Caipora”. E na França, também a relatos que Christophe lançou “A Família Fenouillard” de 1889.

Apesar do período de publicação não disponibilizar muitos recursos tecnológicos para a construção das HQs, observa-se, contudo, que há certa analogia entre esses exemplares e as HQs atuais. Claro que as diferenças são bem perceptíveis, já que em algumas obras nota-se a ausência dos balões e outros elementos. Mas convêm ressaltar, que essas obras são consideradas relevantes para compreender o processo de formação e estrutura da história em quadrinhos atual.

Ao longo do processo histórico das HQs, observa-se que em diversos países, inclusive no Brasil, os quadrinhos inicialmente foram observados de forma preconceituosa e, por esse razão, foram considerados incompatíveis com a realidade escolar, não despertando interesse acadêmico.

No Brasil, essa visão deturpada, fez com que a trajetórias das HQs, fosse marcada por discriminação e exclusão na sociedade e conseqüentemente no espaço escolar. Mas, mesmo sendo vista com aspectos negativos, as HQs foram gradualmente delimitando seu espaço.

Inicialmente, apareciam em jornais, e em 1905 surgiu à primeira revista em quadrinhos brasileira, a obra foi em titulada como “O Tico Tico”. E em 1939 foi lançada a revista “O Gibi”, esse nome tornou-se sinônimo de revista em quadrinhos no Brasil. Já os quadrinhos eróticos surgiram na década de 1950, com o autor Carlos Zéfico, trabalhando nessa época a sensualidade através dos quadrinhos.

Nessa mesma década a Editora Abril adotou o formatinho, formato que gradativamente tornou-se padrão em publicações de Hqs brasileiras. E em 1960, Ziraldo ilustrou “O Pererê”, a revista em quadrinhos com personagens e temas brasileiros. O Saci era principal personagem e suas aventuras apresentavam característica ecológica ou educativa.

Essa ascensão da história em quadrinhos foi abalada pelo autoritarismo do golpe militar. Segundo pesquisas no site da biblioteca virtual de São Paulo mostram que: “Com o advento do regime militar no Brasil, os quadrinhos também sofreram uma onda de repressão semelhante ao que houve nos EUA, com a Comic Code”.

Embora perseguidos, nesse período houve grande inspiração por parte dos quadrinistas e as publicações em jornais criticavam incessantemente a ditadura. Ainda segundo o site da biblioteca virtual de São Paulo “ o humor foi um traço de resistência à ditadura e gerou um grande número de revistas importantes que passaram a representar o humorismo brasileiro. O pioneiro foi o Pasquim (1969 - 1991), grande crítico do regime militar”.

Se historicamente as HQs eram vistas de maneira pejorativa, inclusive pelo meio acadêmico, nesse período da Ditadura, essa visão distorcida aumentou ainda mais, distanciando completamente as HQs do processo educativo.

Mas a partir dos anos 70, começa a predominar no Brasil os quadrinhos infantis. Perante essa nova desenvoltura, Mauricio de Souza surge com a Turma da Mônica, encantando e alegrando a criançada do momento. Já nos anos 80 Ziraldo lança a história em quadrinhos do Menino Maluquinho.

Acredita-se que as revistinhas da Turma da Mônica fizeram com que a sociedade brasileira, pela primeira vez, tivesse um olhar diferenciado para as HQs. Mas esse olhar, não foi suficiente para aproximá-las do universo escolar brasileiro. E continuou ainda predominando por bastante tempo, a visão negativa, que começou a se modificar somente a partir dos anos 90, com o fim da Ditadura Militar.

#### **4. A TRAJETÓRIA OFICIAL DAS HQs NA ESCOLA (PCN AO PNBE)**

Os reflexos da visão negativa que perdurou por muitos anos aqui no Brasil, fez com que as HQs fossem excluídas completamente do ambiente escolar, sobre tudo no período da Ditadura. E mesmo disponibilizando para a criança, uma variedade de recursos, que podem contribuir para o favorecimento de uma aprendizagem significativa, no entanto, alguns educadores no mundo e também no Brasil, ainda relutam e até mesmo exclui as HQs do processo educativo.

Para se ter noção de como as HQs era vista na escola, basta observar Vergueiro e Ramos (2009, p-9): houve um tempo, não tão distante, em que levar revistas em quadrinhos para sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores. Talvez por muitos professores ainda guardarem resquícios dessa visão

subversiva, é que muito lentamente, as HQs vêm sendo inseridas no espaço escolar, vale lembrar que na maioria das vezes, em casos isolados, raramente em coletividade.

De acordo com Higuchi (2002, apud CHIPPINI, 2002 p-125):

A HQ (História em Quadrinhos), porém, vem gradativamente participando de atividades escolares notadamente nas aulas de Educação Artística, História, Geografia e Português, sendo que nesta última disciplina já consta como parte integrante da Proposta Curricular de 1º Grau, da rede estadual, e já apareceu em vestibular, da UNICAMP, em 1992.

Observa-se nessa citação, que aos poucos as HQs vêm sendo introduzidas no contexto escolar. Esse processo lento de inserção dos quadrinhos ensino, afasta a comunidade escolar das técnicas complexas e requintadas que estão inseridas nas HQS. E que por sua vez, podem elevar o nível de instrução, fomentando na criança certas habilidades e competências que poderão lhes ser úteis por toda vida.

Cabe ressaltar, que seria de fundamental importância que essa inserção das HQs iniciasse nas primeiras séries de ensino, como forma de trabalhar ludicamente os conteúdos didáticos e a multiplicidade de linguagens acopladas nesse gênero.

Uma das questões colaborou para inserção das HQs no processo educacional foi à promulgação, em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB Lei N° 9.394/96, na qual se observava a necessidade de inclusão de outras variações linguísticas e manifestações artísticas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, o que estimulava o uso dos quadrinhos (VERGUEIRO E RAMOS, 2009, p. 10).

De acordo com FERREIRA (2010, p. 15) o emprego das HQs como aprendizado escolar foi somente oficializado, devido às circunstâncias da preparação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e com os PCNs, um ano depois. Nesse mesmo período, os quadrinhos passaram a constar em provas de vestibulares, o que de certa forma, acabou forçando as escolas a introduzirem as HQs em seus currículos.

Através das HQs, pode-se trabalhar a interdisciplinaridade e os temas transversais preconizados pelo PCNs. O SESI é um exemplo, de Instituição que

adotou as HQs como ferramenta de apoio ao ensino. E através do personagem Sesinho e sua turma, vem trabalhando diversos temas transversais, como o trânsito, a higiene, alimentação e muitas outras assuntos educativos e informativos que perpassam pela sociedade.

Ainda segundo com Ferreira (2010, p.15), os PCNs, nos volumes dedicados tanto ao Ensino Fundamental quanto ao Ensino médio, mencionam a necessidade de o aluno ser competente na leitura de quadrinhos. Cabe ressaltar, que essa competência poderá ser cobrada do estudante no ENEM.

Ao se referir sobre o ENEM (VERGUEIRO E RAMOS, 2009 p.12) utiliza informações do Inep 2008 e menciona que o:

Enem quer saber até onde vai a sua capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de história em quadrinhos ou fórmulas científicas. Você tem de demonstrar que conhece e entende os códigos verbais e não-verbais.

Partindo dessa premissa, percebe-se que o ENEM quer saber a aptidão do estudante, com relação ao domínio de leitura e interpretação das mais variadas formas lingüísticas. Talvez por essa razão, essas diversas variações verbais tenham constado quase que rotineiramente nas provas do ENEM.

Ainda de acordo com (VERGUEIRO E RAMOS, 2009 p. 12)

a partir de 2006, último ano do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve outro movimento no sentido de inserir os quadrinhos na área de ensino. E pela primeira foram selecionados obras em quadrinhos, embora em número bem abaixo do total de livros comprados naquele ano. Dos 225 títulos selecionados pelo governo, dez eram quadrinhos, cerca de 4,5% do total.

Diante dessa citação, percebe-se a imensa lentidão para incluir as HQs no processo educativo. Essa demora é nitidamente comprovada quando observarmos que o registro oficial da primeira HQ foi de 1896, e a menção na legislação brasileira foi em 1996, ou seja, demorou simplesmente 100 anos para o governo mencionar

que os estudantes necessitariam adquirir competências nesse recurso. E 110 anos para o governo selecionar pela primeira vez obras em quadrinhos que fossem introduzidas no ensino.

## 5. CONTRIBUIÇÃO DAS HQs PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

As histórias em quadrinhos também conhecidas como Gibis, aqui no Brasil, tem um perfil diferente de outros gêneros textuais. Para o interesse de nosso objeto de estudo, apreciamos o recorte dado por alguns autores, no que se refere à Industrialização e a Massificação da Cultura e da Arte, nesse ponto consideraremos os quadrinhos, como linguagem artística que se popularizou a partir de sua utilização enquanto veículo midiático.

Para melhor entender a estrutura das HQs, deve-se primeiro esclarecer o significado da palavra gêneros e suas especificidades. Essa inteligência possibilitará aos leitores refletir sobre um leque de opções, que envolvem a linguagem quadrinizada.

Segundo Bakhtin (2000, apud RAMOS, 2010 p.16), gênero: são tipos relativamente estáveis de enunciados usados numa situação comunicativa para intermediar o processo de interação.

Com essa definição de Bakhtin pode-se entender que gênero nada mais é, do que um conjunto de estilo coerente com as circunstâncias estáveis, emitidos na comunicação e que intermedeia o modo de interação.

Para Maingueneau (2004, apud FERREIRA 2010, p-30 tese), os gêneros de discurso pertencem a diversos *tipos de discurso*, que podem ser caracterizados como conjuntos de textos baseados em grades sociológicas mais ou menos intuitivas e associados a vários setores da atividade social, como publicitário, humorístico, religioso etc.

Seguindo a perspectiva de Maingueneau, entende-se que os gêneros estão associados à interação e que as especificidades sociológicas determinam os gêneros do discurso, ou seja, cada grupo social detém um gênero específico.

Marcuschi (2005, apud FERREIRA 2010, p-33 tese) também vê os gêneros como fenômenos históricos, vinculados à vida social e cultural e sem os quais a

comunicação não seria possível. Para o autor, os gêneros “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social” (MARCUSCHI, 2005, p. 19, apud FERREIRA 2010, p-33 tese).

Ao observamos a afirmação de MARCUSCHI, percebe-se que existe uma singularidade com o pensamento de Bakhtin e Maingueneau. Para esses três teóricos, os gêneros estão ligados a interação social.

De acordo com o PCN da língua portuguesa (2000, p. 24):

a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Seguindo essa perspectiva ressalta-se que as HQs disponibilizam uma variedade de informações que podem contribuir para o desenvolvimento da linguagem em geral. Seu perfil é composto por linguagem visual, representadas por figuras; por linguagem escrita em diversas maneiras para representar os tons de fala; por linguagem oral representadas pelas onomatopéias e por diferentes tamanhos e coloração da letra, os balões que mudam de formato conforme a fala e pensamento que se deseja explicitar.

Dentro desse imenso leque chamado quadrinhos que utiliza diversos gêneros também podem abranger os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e diversas maneiras de produção das histórias em quadrinhos.

Ramos (2010, p.19), embasados em análises de obras em quadrinhos e estudo sobre a área específica, define algumas tendências das HQs:

diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; predominam nas histórias em quadrinhos a sequência ou tipo textual narrativo; as histórias podem ter personagem fixos ou não; a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero; em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero

em questão; a tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias.

Com base nessa caracterização e por abranger uma diversidade de gêneros, Ramos (2010, p. 20) afirma que: “os quadrinhos seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero”. Essa expressão hipergênero é usada por Maingueneau (2004, 2005, 2006, apud RAMOS, 2010, p.20) defendendo que se trata de um rótulo que daria coordenadas para a formação textual de vários gêneros que compartilham múltiplos elementos.

Por essa razão, ao se ler uma HQ é feita, mesmo que indiretamente, uma apreciação desses diferentes gêneros do discurso que está acoplado na linguagem quadrinizada. E iniciará sempre dos aspectos sócio-históricos, que serão correlacionadas através da linguagem visual disponibilizada e da circunstância comunicativa que procurará os sinais linguísticos que refletem esses aspectos. As adequações dos gêneros que forem notadas estarão conectadas não às formas determinadas da língua, mas ao domínio da comunicação.

Convém lembrar, que nessa comunicação linguística dos quadrinhos estão inseridas uma aparência narrativa e o diálogo conciso. A aparência narrativa é composta pela linearidade cronológica em que cada figura apresenta ao leitor. Já o diálogo sucede em textos curtos e através de balões. Nessa narrativa quadrinizada, deve existir uma conexão harmônica entre a tipologia textual e a tipologia pictográfica, para melhor interpretação. Essa multiplicidade de elementos linguísticos fornece as HQs um estilo peculiar, segundo Ramos (2010, p.17):

quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens.

Ramos enfatiza nessa citação, que nos quadrinhos existe uma linguagem subjetiva na sua formulação e a caracteriza como linguagem independente e heterogênea. Apesar dessa distinção de linguagem, há entre os quadrinhos e as outras tipologias literárias pontos congruentes.

Observa-se que essa linguagem autônoma das HQs é constituída do discurso icônico e do discurso verbal. E dificilmente o discurso icônico será atribuído ao autor, esse discurso, na maioria das vezes é imputado ao narrador, podendo também, ser da competência dos personagens. Já aos personagens, é delegado o discurso verbal, que podem, ou não, se expressar por meio de balões. O narrador também pode fazer uso desse discurso, não com a mesma assiduidade do personagem e no caso do autor, o uso do discurso verbal pode até acontecer, mas com raridade.

Vilela (apud Vergueiro e Ramos 2009, p-79) “a leitura compartilhadas de quadrinhos na sala de aula pode ser uma forma de abrir “uma janela para o mundo” despertar o interesse dos alunos por coisas novas”.

Seguindo o pensamento de Vilela, o professor pode utilizar as HQs, com a perspectiva de fomentar na criança o hábito de leitura, a escrita, as artes e demais possibilidades que venham ocasionar uma aprendizagem significativa. Além do mais, as conotações humorísticas dos quadrinhos podem inovar as interações e quebrando a rotina escolar que tanto desestimulam os estudantes.

Por disponibilizam uma linguagem visual, as HQs proporcionam aspectos com o mundo real, essa linguagem chama a atenção das crianças, e podem levá-las a observar e analisar situações que auxiliam na percepção e na construção do conhecimento. E segundo Cagnin (1975, apud CHIPPINI, 2002 p-135): “a HQ comunica uma mensagem narrativa através de dois canais: a imagem – imagem icônica, e o texto mensagem linguística. O relacionamento, dessas duas mensagens constitui a mensagem global”.

Seguindo essa corrente de pensamento, nota-se que nas HQs, a comunicação da mensagem narrativa acontece através do canal ilustrativo e do canal textual e que a harmonia entre ambos, institui uma mensagem integral. Essa integração possibilita ao leitor variedades na leitura e interpretação.

Freire (apud MOURA, 1999) defendia a concepção de que “a partir da leitura mundo, pode-se chegar a leitura da palavra”. Partindo dessa concepção de Freire, nota-se que ao entrar em contato com as HQs, a criança pode adquirir a leitura de mundo ou a visão do concreto e a partir desse olhar, pode-se chegar com mais

facilidade a leitura das palavras. Sem precisar decorar ou reproduzir, apenas levando-a a construir sua subjetividade a partir das observações.

Como também, pode-se trabalhar com criança a ideia de fragmentação, dando-lhes a noção de que através das partes construímos o conglomerado. É importante salientar que a conjuntura polissêmica de linguagens que são disponibilizadas pelas HQs, pode desenvolver na criança a inteligência aos textos concisos, a escrita e a linguagem visual, requisitos que serão muito cobrados em séries posteriores e também no ENEM.

Observa-se que a pluralidade dos gêneros textuais das HQs possibilita um conhecimento singular para a criança. De acordo com Ramos (2010, p. 21) a charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual.

Ao definir a charge, Ramos mostra características marcantes desse gênero, ou seja, a charge é um texto que manifesta opinião sobre acontecimentos e personalidades relevantes, e sua finalidade principal, seria efetuar uma crítica por meio de um viés humorístico. Por ser normalmente publicado em jornal, tanto a charge como as tiras cômicas são muito utilizadas pela linguagem jornalística.

Para Ramos (2010, apud VERGUEIRO e RAMOS, 2009 p.192), “o cartum é um desenho humorístico – com ou sem parte verbal escrita – que brinca com alguma situação do cotidiano”. Nessa definição de Ramos, remete-se a ideia de que o cartum retrata acontecimentos comuns, vivências no cotidiano de pessoas anônimas e que o humor advém de uma situação banal. É imprescindível salientar que essas características o diferenciam da charge.

Ramos (2007, apud VERGUEIRO e RAMOS, 2009, p.199)

as tiras são uma forma de piada com recursos das histórias em quadrinhos. Texto curto (tanto o da piada quanto o da tira), inferências, conhecimentos prévios, quebra de expectativa no final, uso de personagens conhecidos ou não são apenas algumas aproximações entre as duas áreas.

Percebe-se que Ramos, faz uma comparação das tiras com as piadas e para melhor compreensão das tiras, ele explicita as convergências existentes entre

ambas. E também defende que as piadas, assim como as tiras, são ótimos exercícios de interpretação. Para depreender o humor da tira, o aluno tem de recuperar obrigatoriamente os elementos verbais e visuais presentes no texto.

Nessa afirmação, nota-se que para o aluno compreender a natureza da tira, terá necessariamente que decifrar as informações faladas e visualizadas no texto. Ou seja, requer um domínio de leitura e interpretação. E o uso freqüente das HQs pelas crianças pode possibilitar a obtenção desse domínio de interpretação da língua e dos diversos gêneros explicitados.

Mendonça (2002, apud DIONISIO, MACHADO E BEZERRA, 2010 p. 211) Um gênero quadro a quadro: história em quadrinhos afirma: “quanto aos mecanismos e recursos tecnológicos usados para narrar, os quadrinhos têm relação com o cinema e com os desenhos animados”. Diante da afirmação de Mendonça, considera-se que as HQs possuem um eixo tecnológico, semelhante com o cinema e os desenhos animados ao fazer a narração ilustrativa.

Um exemplo, dessa semelhança das HQs com o cinema e os desenhos animados varia quanto aos planos de aproximação e distanciamento dos desenhos e sequenciação de acontecimentos. As HQs abrangem diversos recursos e linguagens, mas em nenhum momento, se constitui como uma linguagem isolada, sem qualquer conexão com outras linguagens. Pelo contrário, estão em constante diálogo com o cinema, os desenhos animados, o teatro, a fotografia, a pintura e a literatura.

Ao valorizar práticas educativas que contemplam a inserção de recursos midiáticos, visando inserir o hábito de leitura das HQs aos conteúdos didáticos, a escola possa inovar, tornando assim, o ensino atrativo. A intenção, não é a de substituir os conteúdos pelas ferramentas tecnológicas, mas sim, de vinculá-las, e através dessa junção a criança possa ser beneficiada, levando-a a um amplo conhecimento.

Ramos (2010 p.19) vê os quadrinhos como:

um grande rótulo que abriga diferentes gêneros; que vincula os gêneros de cunho cômico – charge, cartum, caricaturas e tiras num rótulo maior denominado humor gráfico ou caricaturas o que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (linha apoiada no fato de serem textos publicados em jornal).

Essa visão de Ramos, sobre os múltiplos gêneros de linguagem inseridos num imenso rótulo, e que cada um tem suas particularidades, norteia a linha teórica que está sendo seguida pelos quadrinhos. Vale lembrar, que essas especificidades de gêneros dos quadrinhos podem fazer com que a criança, aproxime à teoria dos conteúdos didáticos para prática e possivelmente possa levá-las a arquitetar novos conhecimentos linguísticos. Por isso, torna-se imprescindível a inserção das HQs nas atividades pedagógicas.

## **6. QUADRINHOS (PRODUZIDOS) USADOS COMO SUPORTE A EDUCAÇÃO**

É comum a todos, que a utilização das histórias em quadrinhos perpassa pelo processo educativo, transmitindo novos conhecimentos e facilitando as etapas do processo de aprendizagem. Diante do que foi exposto, apresenta-se estudos que possam oferecer suporte ao ensino, sendo implementado na sua estrutura por histórias em quadrinhos.

Pretende-se com essa inserção, abordar os assuntos disciplinares na linguagem quadrinizada, de forma atrativa, almejando desenvolver na criança a leitura crítica e o domínio na linguagem escrita. Como também, uso polissêmico das histórias em quadrinhos, pode fazer que com a criança adquira o conhecimento em interpretação de linguagem visual e escrita, dando-lhes a noção do que será cobrado em séries posteriores.

De acordo com Caruso e Silveira (2009): em uma sociedade eminentemente visual, com predomínio da televisão como mídia de massa, os quadrinhos não devem ser desprezados como uma mídia em favor da educação.

Apropriando-se desse pensamento de Caruso e Silveira, observa que existe a necessidade de inserir os quadrinhos no contexto escolar. Salienta-se que ao longo do processo educativo, os docentes ficam aprisionados a certas normas de ensino,

como também abdicam de outras. Conservam as que presumem serem as melhores, abandonando técnicas que correlacionam com os dias atuais e ao longo do tempo vai permanecendo esse ensino coercitivo.

Decidir por uma metodologia de ensino que facilite a aprendizagem, e venham suprir as inópias da sociedade, nem sempre é tarefa fácil. Pois requer, do docente um domínio de conteúdo, um olhar para as inovações, sem excluir, evidentemente, as boas técnicas educacionais do passado. Isso exige uma análise constante dos assuntos aplicados em sala, das metodologias de ensino, como também dos objetivos que se pretende alcançar na criança. Incorre em perguntar-se por que adotar a metodologia de que o aluno ao fazer cópia de texto vai melhorar a escrita e aprender?

Se ao invés disso, pode-se estimular a inserção dos quadrinhos no processo educativo para contribuir no desenvolvimento da criança e na difusão do conhecimento. E conseqüentemente, esta metodologia aplicada estará trabalhando a escrita, a leitura e uma infinidade de dados que podem subsidiar a construção intelectual do ser. Estar atento ao andamento do processo educativo e os anseios da criança pode facilitar o processo de aprendizagem.

MOURA (1999, p.51) defendia o auxílio de uma:

Pedagogia da Comunicação que pudesse oferecer os elementos necessários à efetivação de uma prática que partisse de bases semelhantes à essência natural dos seres humanos – sua necessidade e capacidade de diálogo – bem como oferecesse as técnicas e os recursos pedagógicos que pudessem mediar a relação dialógica. As técnicas constituíram-se em “codificações” de situações reais (fotografadas ou pintadas), que, pelo debate dariam origem as “descodificações”, que preparavam os alfabetizandos para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Refletindo sobre esse pensamento, se percebe uma lacuna no processo educativo, que poderia ser preenchida com inserção das HQs. Sobre tudo nas primeiras séries de ensino, quando é iniciada a etapa da alfabetização. Pois ao fazer uma correlação dessa pedagogia defendida por Moura e as HQs, pode-se observar nitidamente que as HQs disponibilizam essas situações reais, através da linguagem figurativa e do diálogo entre os personagens.

Sprinthall (1977, apud Barros, 2002, p.13) “os homens são construídos, não nascidos”. Seguindo esse pensamento, nota-se que através do processo sócio-

histórico construímos o indivíduo. Incorre que o processo educativo possibilita a criança, reproduzir ou construir seus conhecimentos. Esses caminhos irão depender das práticas educativas adotadas pelos professores.

Nessa perspectiva, observa-se que entre as consequências que o processo de ensino fechado (ensino tradicional), direcionou aos estudantes, foi à inconsistência e a defasagem na aprendizagem. Cabe ressaltar que essa subserviência no ensino, não produz indivíduos críticos que possam colaborar para a construção de uma sociedade igualitária.

De acordo com Barros (2002, p-34): “a escola deve permitir a criança observar e manipular objetos, conviver e brincar com outras crianças, conversar e participar de jogos com adultos, em clima de liberdade e respeito à sua autonomia”.

Partindo dessa observação de Barros, percebe-se que é de fundamental importância que a escola disponibilize para criança, o manuseio diversos recursos que venham a fomentar a construção de conhecimentos. Vale lembra que através dessa manipulação, a criança pode adquirir conceitos e hábitos, que podem ser estendidos para demais segmentos da vida.

De acordo com Mendonça (2002, apud DIONISIO, MACHADO E BEZERRA, 2010 p. 209) “entrevistas realizadas com alunos do ensino fundamental de escolas públicas e privadas demonstram que sua preferência em termos de materiais de leitura recai sobre as histórias em quadrinhos (HQs)”.

Com base nessa afirmação, verifica-se a importância de inserir as HQs no contexto escolar. A escola deve levar em consideração essa preferência dos alunos em ler quadrinhos, e criar desde as séries iniciais, hábitos de leitura, que venham posteriormente serem estendidos aos demais conteúdos e obras literárias.

Na busca de encontrar novos métodos que facilitem o processo de aprendizagem, dilapidando obstáculos que degeneram a prática educativa atual, faz-se necessário inovar para educar, e a aplicação das HQs no ensino tem sido uma ferramenta contributiva para o desenvolvimento desse processo. De acordo com a afirmação de Calazans (2004, p.10):

os quadrinhos pertencem à categoria de mídia impressa, portanto, são similares aos livros, o manuseio e o contato constante com esse tipo de suporte cria um hábito e uma intimidade que podem ser gradualmente transferido para os livros.

A partir dessa reflexão percebe-se que as HQs (histórias em quadrinhos) em seus diferentes contextos disponibilizam ao mundo escolar, distintas aplicações tecnológicas que possibilitam fomentar a aprendizagem. Conectando assim, o estudante com os recursos de mídia, e através desse manuseio, a criança possa criar hábitos de leitura, que venha ser posteriormente estendidos aos conteúdos escolares.

Segundo Vergueiro (2009, apud Vergueiro e Ramos 2009, p.169): na realidade, a grande maioria dos quadrinhos infantis trafega no ambiente do humor e da aventura, podendo ser utilizados em ambiente didático dirigido a qualquer faixa etária.

Por essa perspectiva, nota-se que os quadrinhos conseguem transitar com facilidade nos diferentes níveis de ensino. Podendo ser utilizado nas séries iniciais, com intuito de construir na criança, o hábito de leitura e aquisição de demais conhecimentos.

Muitos educadores, no mundo e também no Brasil, alimentavam o pensamento arcaico, de que a leitura de quadrinhos distanciaria os alunos das obras literárias, podendo até estimular a “preguiça mental” segundo Vilela (Vergueiro e Ramos 2009, p-74) mas pesquisas como a de Valéria Bari (2008, apud Vergueiro e Ramos 2009, p-77) contradisseram essas acusações e ainda de acordo com a educadora Maria da Graça Costa Val, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) afirmam que:

muitos adultos que hoje cultivam o hábito da leitura, seja de jornais, revistas ou livros, costumavam ler história em quadrinhos durante a infância e a adolescência. Crianças que têm acesso as histórias em quadrinhos podem ser letradas mais facilmente e apresentar rendimento superior nos estudos se comparadas às que não possuem contato com esse material.

Essa afirmação de Val está consonância com o pensamento de Calazans (2004), e embasa um dos objetivos defendidos nessa pesquisa bibliográfica, de que a partir do hábito da leitura das HQs, a criança possa estender aos conteúdos escolares e demais segmentos literários.

Seguindo essa perspectiva o professor pode eleger as HQs como ferramenta de ensino capaz de proporcionar, à educação caminhos que facilitem a assimilação e a acomodação do conteúdo didático pela criança. Distanciando-se assim, de práticas escolares que induzem a uma aprendizagem repetitiva e apenas momentânea.

Partindo do princípio de que a educação exerce o poder de conduzir e modificar a vidas das pessoas. É uma formadora de opinião, por essa razões é imprescindível passar por atualizações constantes, não podendo distanciar-se das inovações tecnológicas, disponibilizando ferramentas de ensino que elevem o nível de instrução da criança e possibilitem uma educação integral.

Libâneo (2004, p.66) defendia que:

educação de qualidade é aquela que promove para todos o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por esse entendimento, reduz-se a observar que é de fundamental importância atualizar a educação pública brasileira, capacitando professores e equipando as nossas escolas, faz-se necessário também reavaliar as metodologias de ensino, para construção de uma aprendizagem voltada a preparar um cidadão responsável, produtivo e independente.

Vergeiro (2007 p.170) afirma que: “aos professores cabe, assim, inicialmente, a tarefa de saber selecionar, dentre a extensa produção quadrinística direcionada às crianças, aquelas narrativas que melhor lhes permitem atingir seus objetivos educacionais”.

Observa-se com esse pensamento de Vergueiro, que através das HQs, podem-se impetrar as propostas educacionais, a fim conseguir realizar seus objetivos, basta que para isso, o professor eleja produções quadrinísticas que correspondam com o que se pretende ensinar.

A aplicação de histórias em quadrinhos nas séries iniciais é um processo que se caracteriza em vincular os conteúdos didáticos à linguagem quadrinizada, mais

curta e menos cansativa para criança. E a explanação dos conteúdos a serem ensinados aos alunos da educação básica, acontecerá através da apresentação e leitura de histórias em quadrinhos.

Os conteúdos didáticos apresentados obedeceram rigorosamente às respectivas séries de ensino, sendo diferencial na forma de exibição, que utilizará recursos quadrinizados para a explanação desses conteúdos.

O professor será um mediador ou facilitador e deve solicitar a participação de alunos, com o intuito de despertar na criança à leitura e a apresentação de conteúdos em público, possibilitando caminhos para que a criança supere a fase de retraimento natural ligada ao ciclo de crescimento.

Segundo COLL, MARCHESI, PALACIO & COLS (2004, p.109):

na mente dos alunos estão armazenadas suas representações – esquemas ou modelos mentais – do mundo físico e social, de maneira que a aprendizagem consiste fundamentalmente em relacionar as informações ou as experiências novas com as representações já existentes, o que pode dar lugar, sob determinadas circunstâncias, a um processo interno de revisão e de modificação de outras novas mediante a reorganização interna das representações já existentes.

Nessa citação, as representações ou modelos mentais mencionados acima pelos autores estão ligados ao mundo físico e social. Fazendo uma correlação das HQs com esses modelos mentais, observam-se pontos convergentes, já que as HQs utilizam cenários que representam o mundo físico e os diálogos representando a interação social. Ao fazer uso dessa convergência, o professor pode abrir caminhos que facilitem a assimilação dos conteúdos, tornando o ensino mais atrativo e menos cansativo.

Além promover na criança o interesse pela produção de HQs e domínio das artes gráficas, constitui também a utilização de recursos midiáticos de maneira consciente e responsável, transmitindo novos conhecimentos e técnicas que possibilitem preparar a criança para a vida.

Uma das atribuições da escola no processo educativo é despertar vocações, formar vencedores capazes de saber expressar-se em diferentes situações, na

escola e na vida. E para isso, é necessário estabelecer metas para elevar o grau de instrução da criança, abrangendo assim, inovações tecnológicas e ferramentas de ensino que venham contribuir com o seu aperfeiçoamento.

Barros (2002 p.34) cita que: “a escola deve permitir à criança observar e manipular objetos, conviver e brincar com outras crianças, conversar e participar de jogos com adultos, em um clima de liberdade e respeito à sua autonomia”.

Portanto, ao abordar determinados assuntos em histórias em quadrinhos, busca-se refletir sobre o papel da escola, e em especial nas primeiras séries de ensino, onde é iniciada a base da aprendizagem e o desejo pelo conhecimento.

Considerando que a educação é um universo de possibilidades e diversidades de correntes, é imprescindível disponibilizar ferramentas de ensino, que despertem o encantamento da criança pela aprendizagem. Tendências que possam ser enfatizadas e desenvolvidas gradativamente,

Ao observar o dicionário, consta-se que a palavra educação tem como conceito, o processo de desenvolvimento integral e harmônico de todas as faculdades humanas. Seguindo esse conceito, torna-se indispensável disponibilizar estratégias de ensino que auxiliem o processo de aprendizagem, garantindo que os alunos construam seus conhecimentos integralmente, de forma produtiva, independente e responsável.

Tentar minimizar as desigualdades sociais através de uma educação de qualidade, tem sido uma busca constante para alguns educadores, que se engajam e comprometem-se em defender um ensino de qualidade, como forma de modificar a vidas das pessoas. Gadotti (2000, p-6) afirma que : “a escola não pode ficar a reboque das inovações tecnológicas. Ela precisa ser um centro de inovação. Temos uma tradição de dar pouca importância à educação tecnológica, a qual deveria começar já na educação infantil”.

Partindo dessa perspectiva de Gadotti, reduz-se a observar que é de fundamental importância atualizar a educação pública brasileira, capacitando professores e equipando as nossas escolas, faz-se necessário também, reavaliar os métodos de ensino, de forma que venham inserir ferramentas tecnológicas, que contemplem a partir das séries iniciais recursos midiáticos.

Segundo Mendonça (2010, p-209) em Gêneros textuais & ensino, classifica a história em quadrinhos como um gênero textual. E enfatiza na (p-08) que o objetivo desse livro é: “levar os alunos a desenvolverem competência no uso das funções da linguagem por meio do uso de um variado número de gêneros textuais”.

Partindo desse pensamento, observa-se que ao se classificar as HQs como um gênero textual, pode facilitar a inserção desse gênero no ensino. E a manipulação desse estilo textual polissêmico, pode fazer que com a criança adquira o conhecimento em interpretação de linguagem visual e escrita, dando-lhes a noção do que será cobrado nas séries posteriores.

## **7. CONCLUSÃO**

Assim sendo, ao finalizar essa pesquisa, e lançar olhares para o ensino atual, observei que essas proposições evidenciam, portanto, a necessidade de repensar sobre as práticas pedagógicas. Principalmente no que se refere ao campo das variedades de gêneros textuais.

Contudo, pode-se enfatizar que artigo teve como objetivo analisar a possibilidade de inserção das HQs no processo ensino-aprendizagem. Essa, por sua vez, foi entendida como um gênero textual, que abrange a linguagem escrita e pictográfica. E que busca através da representação de um mundo quadrinizado de ficção, transmitir ideias, conceitos, bem como, efetuar uma narração humorística de episódios ocorridos no mundo.

Partindo desse pensamento, incorreu problematizar até que ponto os recursos das histórias em quadrinhos, podem despertar nos alunos das séries iniciais o interesse pela aprendizagem? Essa questão permeou toda pesquisa, e vários foram os autores que embasaram, sobretudo, a importância da complementaridade entre os recursos midiáticos e o processo de ensino-aprendizagem.

Procurar vincular as HQs ao processo educativo, com intuito, de que a criança comece a adquirir o hábito de leitura, e posteriormente estenda esse hábito a demais conteúdos didáticos. Especificamente nas séries iniciais, por compreender, que o hábito da leitura deve ser estimulado desde cedo.

Deixo claro, que não tenho interesse que metodologias atuais sejam abdicadas. Quero apenas defender a importância das HQs serem inseridas no processo de ensino. Bem como, aperfeiçoar estratégias que contemplem esses recursos midiáticos e acabem tornando o ensino mais atrativo.

Nessa pesquisa, analisou-se a aplicação das HQs como recurso ou ferramenta de apoio didático em sala de aula. Buscando ressaltar a importância desses recursos no processo de aprendizagem. Bem como, avaliar a contribuição pedagógica das HQs no domínio da linguagem e interpretação de tipologias textuais.

Vale lembrar, que no decorrer dessa pesquisa, observou-se que muitos profissionais da educação já inclui as HQs no cenário educativo, outro fator relevante, é a presença constante de parte dessa ferramenta nas provas do ENEM. O que pode ter contribuído para uma propagação maior das HQs no ensino.

Por fim, gostaria de concluir afirmando, que deve haver uma harmonia entre o ensino escolar e as tecnologias midiáticas. E nesse consenso, as HQs possam ser inseridas pedagogicamente. Cabe ressaltar, que o sistema educativo é abrangente e não excludente. Por isso ele deve ampliar as oportunidades de conhecimento, fomentando assim, a integração do saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Psicologia e Construtivismo**. São Paulo, Ática, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1.ed., 1ª impressão. – São Paulo : Contexto, 2010.

BERUTTI, Flávio 1959 – **Tempo e espaço: 5ª**/ Flávio Berutti – Belo Horizonte: Formato Editorial, 2002

CAGNIN, Antonio Luiz. Os quadrinhos. In: HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CHIAPPINI, Ligia, \_\_\_\_ **Aprender e ensinar com textos /** coordenadora geral Ligia Chiappini. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

CALAZANS, Flávio Márcio de Alcântara. **Histórias em quadrinhos na escola**. – São Paulo, 2004.

CARUZO, Francisco e SILVEIRA, Cristina. Quadrinhos para a cidadania. **Hist. Cienc. Saúde- Manguinhos**. vol.16 n°.1- Rio de Janeiro. Jan./+Mar. 2009.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos /** coordenadora geral Ligia Chiappini. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús & COLS. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. Murad. – 2. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2004.

DIRINGER, David. **A Escrita**. Tradução para língua portuguesa de, LUIZ, Armando. 12º vol. Editorial Verbo, 1968.

FERREIRA, Camila dos Santos. **Intertextualidade e temporalidade nos quadrinhos: Um estudo da charge /** Camilla dos Santos Ferreira. – 2010. 240 f.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. Ed. Revista e ampliada – Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LOVETRO, José Alberto. A linguagem do futuro. In: HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CHIAPPINI, Ligia, \_\_\_\_ **Aprender e ensinar com textos /** coordenadora geral Ligia Chiappini. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Le dialogue philosophique comme hypergenre. In: RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1.ed., 1ª impressão. – São Paulo : Contexto, 2010.

MENDONÇA, M. Quadrinhos , leitura e letramento. In: DIONISIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rangel. BEZERRA, Maria Auxiliadora, (Organizadores). **Gêneros textuais e ensino**. – São Paulo : Parábola Editorial, 2010

MOCELLIN, Renato e CAMARGO, Rosiane. **Passaporte para a História**. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreira e Vygotsky**. Maceió : Edufal, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. – 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RAMOS, Paulo. **Tiras cômicas e piadas**. In: RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1.ed., 1ª impressão. – São Paulo : Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo. Tiras cômicas e piadas. In: VERGUEIRA e RAMOS, \_\_ **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRA, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.).- **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRA, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.).- Os quadrinhos (oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRA e RAMOS, \_\_ **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VILELA, Túlio. **Quadrinhos de aventura**. In: HIGUCHI, VERGUEIRA, Waldomiro; RAMOS, Paulo (orgs.).- **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. Vol. único – São Paulo: Scipione, 2005. – (Série Parâmetros)

Disponível em: <http://giornalettoatibaia.blogspot.com.br/2011/02/primeira-revista-em-quadrinhos-do-mundo.html>Acesso02/09/2013

Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial/201110-hqs.php#brasil>Acesso02/09/2013